

II GELLNORTE e VII FCLL-NORTE

Linguística e Literatura na Amazônia: políticas de pesquisa para as margens

Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior
Manaus – 28 a 31 de maio de 2019.

MINICURSOS “B”

9-16

Dia 29 de maio de 2019

14h-18h

9. POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: DEFINIÇÕES E QUESTÕES CORRENTES

Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

O presente curso tem como objetivo apresentar, refletir e discutir algumas definições de Políticas Linguísticas, a partir de uma análise crítica do ensino de português como língua adicional ou estrangeira e das muitas questões que envolvem as línguas indígenas no Brasil. Discutir-se-á o quanto as decisões sobre uma educação monolíngue, bilíngue ou multilíngue é de caráter altamente político, influenciada por ideologias dominantes e por fatores históricos, econômicos e socioculturais. Tudo isso em oposição aos direitos linguísticos que são parte inextricável dos direitos humanos. Do mesmo modo, apontar-se-á para o fato de que o estabelecimento de políticas linguísticas claras, embora seja um grande desafio, é uma estratégia de promoção da igualdade racial, étnica, linguística, cultural e de grupos sociais distintos.

10. ENSINO DE LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS EM CONTEXTO AMAZÔNICO

Ms. Stéphanie Soares Girão (UFAM)

Este minicurso tem por objetivo analisar as concepções sobre ensino de literatura adotadas por duas Licenciaturas em Línguas Estrangeiras da região Norte do Brasil em relação às discussões teóricas sobre o tema. A partir do objetivo principal, buscamos elaborar propostas de formação de professores de línguas estrangeiras articuladas ao ensino de literatura. O procedimento metodológico está dividido em duas etapas: a primeira está fundamentada na análise documental, concentrando-se nos componentes curriculares das Licenciaturas, mais especificamente nas matrizes curriculares, nas ementas e objetivos das disciplinas. Como suporte teórico, traremos discussões ligadas às teorias de currículo (SACRISTÁN, 1991; PACHECO, 2001; LOPES, 2011) e à leitura literária (ROUXEL, 2013; PROUST, 2003; CALVINO, 2007; BARTHES, 2015; GODARD, 2017). Assim, no primeiro momento do minicurso apresentaremos a análise dos componentes curriculares aos participantes para, posteriormente, tecermos uma análise crítica coletiva fundamentada em algumas perspectivas teóricas para o ensino de literatura. Desta forma, após debates sobre o tema da formação de professores de línguas estrangeiras e o ensino de literatura, na segunda etapa do minicurso, os participantes serão convidados a elaborarem coletivamente projetos inspirados nas diversas abordagens de ensino de literatura para línguas estrangeiras, vistos no primeiro momento. Como resultados parciais decorrentes da análise documental, será possível verificar que o ensino de literatura na formação de professores de Línguas Estrangeiras ainda é

concebido como um conjunto de normas relacionadas à forma do texto literário, em detrimento de abordagens outras como a recepção e formação do leitor literário, por exemplo.

11. AS METÁFORAS AMAZÔNICAS DE EUCLIDES DA CUNHA

Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)

Ms. Iná Isabel de Almeida Rafael (UFAM)

O minicurso “Metáforas amazônicas de Euclides da Cunha” tem como objetivo refletir sobre o discurso metafórico de Euclides da Cunha em relação à Amazônia, e como esse discurso se organiza em textos que o autor escreveu para se referir a aspectos geográficos e paisagísticos da Amazônia, assim como à gente, às relações sociais, aos conflitos de fronteira e outros flagrantes da região. O minicurso explora também a dicotomia escrita artística x escrita científica em textos do escritor, uma vez que ele se debate em dois dilemas cruciais: primeiramente a dificuldade em lidar com uma tríplice fronteira que tinha que ultrapassar: as fronteiras do território, da ciência e do compreensível; em segundo lugar, as reflexões metalinguísticas a respeito de seus textos, quando titubeia frente às linhas cruzadas da ciência com a ficção, por sentir incompatibilidade entre texto literário e texto científico, mas ao mesmo tempo não conseguir se libertar da tendência de conciliar essas duas metodologias, para ele inconciliáveis. A análise das metáforas amazônicas de Euclides lança mão das seguintes abordagens a respeito do fenômeno metafórico: a abordagem *clássica* (iniciada por Aristóteles), *interacionista* (cujo precursor foi I. A. Richards e cujo principal expoente foi Max Black) e *conceptual* (criada George Lakoff e Mark Johnson) e a *metáfora viva* (proposta por Ricoeur). Por meio do estudo dessas metáforas, abstraem-se as concepções que o autor de Os Sertões tinha a respeito da região amazônica.

12. A CONSTRUÇÃO DE UMA LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONCEPÇÕES DE MENTE E SUA RELAÇÃO COM OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Dra. Mábia Nunes Toscano (IFAP)

Dra. Danielly Lopes de Lima (UFCG)

A Linguística Cognitiva (LC) é uma ciência que se insere no escopo mais amplo das Ciências Cognitivas, se preocupando com as relações entre a mente e a linguagem em uma perspectiva que considera os fatores experienciais, sociais e culturais na construção do conhecimento, produção e compreensão do significado. A história e a construção da LC se confundem com o desenvolvimento das Ciências Cognitivas, pois o modo como os pesquisadores compreenderam e estudaram a mente ao longo do tempo delimitou e influenciou diretamente o modo como se estudou e compreendeu a linguagem. Este minicurso tem como objetivo traçar um percurso histórico da Linguística Cognitiva, tendo como foco principal a relação entre as concepções de mente assumidas pelas Ciências Cognitivas e as concepções de linguagem decorrentes dela. Por se tratar de uma perspectiva teórica relativamente recente, que emergiu por volta da década de 1970, ainda são escassas as obras em língua portuguesa de caráter introdutório que tratem dos fundamentos teóricos da LC. Desse modo, este minicurso procura contribuir para a divulgação desse segmento teórico, bem como das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Brasil nessa área de estudo. Em um primeiro momento será apresentado o surgimento e consolidação da Linguística Cognitiva e a relação com as mudanças de concepção no âmbito das Ciências Cognitivas. Em seguida, serão tratados os conceitos teóricos básicos que orientam a LC, como a categorização, metáforas conceituais e integração conceitual, entre outros. Por fim, será exposto o percurso dos trabalhos desenvolvidos no Brasil, destacando as contribuições mais relevantes dos laboratórios e grupos de pesquisa nacionais. Espera-se que o minicurso possa oferecer um panorama consistente e atualizado sobre a Linguística Cognitiva e suas contribuições para a pesquisa em Linguística.

13. A POÉTICA DA TRADUÇÃO E OS MITOS

Dra. Izabela Guimarães Guerra Leal (UFPA)
Dra. Maria Inês de Almeida (UFMG)

No Brasil, a cultura indígena é muito ampla e variada, possuindo um grande repertório de artes verbais, nas formas de narrativas e canções. Atualmente, percebe-se o crescimento dos trabalhos de tradução desse grande acervo, compreendendo trabalhos desenvolvidos não apenas por linguistas e antropólogos, mas também por poetas, musicólogos, indígenas e não indígenas. A tradução, como se sabe, é o principal gesto na constituição da obra literária ao longo de sua existência, permitindo múltiplos diálogos entre tempos e espaços que, de outra forma, estariam irremediavelmente afastados. No entanto, a tradução não pode transferir um contexto cultural para outro sem que a diferença se imponha, aquilo que uma determinada língua e cultura carregam enquanto especificidade. A proposta deste minicurso é apresentar estudos e práticas tradutórias das artes verbais ameríndias, em geral fragmentos míticos, privilegiando as abordagens especificamente literárias dos textos, o que seria fundamental para considerá-los em termos de suas poéticas, ressaltando o trabalho criativo e musical com a língua. É nesse sentido que o trabalho de poetas que se dedicam à tradução das artes verbais indígenas pode proporcionar um novo olhar a respeito dessas fontes. Trata-se de dar a esse problema um enfoque originário dos estudos de tradução: traduzir não apenas o conteúdo, ou significado, mas concentrar-se na forma do texto, no significante, para que seja possível reencenar a sua poeticidade.

14. ETHOS DISCURSIVO: A REPRESENTAÇÃO OUVINTE NAS NARRATIVAS SURDAS

Geceilma Oliveira Pedrosa (IFAM)
Eduardo Figueira Rodrigues (UNISSELVI)

Por muitos anos os surdos foram narrados pelo discurso do ouvinte como um ser anormal, incompleto e desprovido de cognição, por não estar dentro dos padrões de normalidade. Até mesmo no que tange a educação de surdos, prevaleceu o poder absoluto do ouvinte em decidir, de forma coercitiva, quanto ao melhor método de educação. Dessa forma, o poder ouvinte assumiu e decidiu sobre quaisquer assuntos relacionados ao povo surdo e a surdez. Com tais atitudes hegemônicas e opressoras, como afirma Lane (1994), os surdos passaram a ser rejeitados e a viverem de forma segregada. No entanto, Stokoe (1960) ao conferir a Língua de Sinais o seu real *status* linguístico, ocasionou por trazer o sujeito surdo para o centro de um novo cenário. Ainda em Barthes (1977), percebemos que o autor classifica a língua “como um lugar de poder”, assim, ao tornarem-se usuários de uma modalidade de comunicação reconhecida como língua, as empreitadas e movimentos surdos dão início ao que denominamos de empoderamento surdo ou para o que propõe Bauman e Murray (2009) os surdos passam a enxergar-se na perspectiva do *deaf gain*. Tal terminologia, implica em reconhecermos os surdos pelo ganho surdo bem como toda e qualquer mudança favorável para o reconhecimento, visibilidade e melhoramentos no estatuto social, político e cultural. No entanto, ao se narrar pelo ganho surdo o ouvinte passa a ser narrado pela falta, deslegitimado dentro do espaço em que ambos construíram, estando o ouvinte numa condição subalterna. Tais formas de empoderamento, culminaram numa manifestação contra os ouvintes usuários da Língua de Sinais, ocasionando assim numa reversibilidade de efeitos de sentido entre o poder surdo e a resistência ouvinte. Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar a representação ouvinte nas narrativas surdas e as relações de saber e poder embasadas na arqueogenealogia de Michel Foucault.

15. TRAVESSIAS, IDENTIDADES E NARRATIVAS NA AMAZÔNIA PARAENSE: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA EM PROL DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dra. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)
Andréa Lima de Souza Cozzi (IEMCI/UFPA)
Helen do Socorro Rodrigues Dias (UFPA)

A Ancestralidade e a cultura são alguns dos aspectos delegados a segundo ou sequer tratado do trabalho com a oralidade, leitura, escrita e literatura. A modalidade escrita se sobrepõe nas discussões e é o alvo dos encaminhamentos no trabalho desenvolvido na Alfabetização e letramento. Desse modo, os sentidos e significados (GEERTZ 1989), atribuídos às atividades pedagógicas se restringem ao uso do livro impresso que, em sua maioria, enaltece culturas e identidades eurocêntricas. Destas também são retiradas as marcas da ancestralidade. Por conta disso, há necessidade de se propor atividades envolvendo a interdisciplinaridade de modo a promoverem maior conhecimento e valorização das narrativas orais, culturas e identidades presentes nas comunidades. Uma possibilidade para isso é trazer à tona as narrativas orais das trajetórias das comunidades, relacionando-as com práticas sociais (KLEIMAN, 1998;2006) de leitura nas comunidades e na relação com outros espaços discursivos. Isso significa dizer que ao se trabalhar a literatura clássica, é possível dialogar com a literatura africana, indígena e de expressão amazônica. Assim, mobilizaríamos aspectos presentes na pedagogia Decolonial (WALSH, 2014) mostrando que as diferenças não se impõem ou concorrem, mas podem visibilizar modos de ser, poder e saber diversos e relevantes às comunidades. Em direção similar, atrelar ao trabalho com tradição oral, a importância da performance, da voz (ZUMTHOR, 1915;1987), do repertório e da escuta na Formação docente, em especial, na Educação Básica, como estratégias de se trabalhar textos variados no processo de ensino e aprendizagem da língua materna em uma perspectiva interdisciplinar. Ao trazer tais aspectos para o trabalho a ser desenvolvido pelo e com o docente, favoreceríamos a ampliação do repertório sem desconsiderar os modos de vida das comunidades, a valorização do corpo e da voz enquanto constituintes da docência que mobiliza saberes de ordens diversas no trabalho necessário à alfabetização na perspectiva do letramento.

16. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PESQUISA E ENSINO

Dra. Natália Cristine Prado (UNIR)

O principal objetivo deste minicurso é explorar a linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQs), sobretudo as nacionais, com enfoque nos estudos linguísticos realizados a partir dessas narrativas. Assim, pretendemos, no primeiro momento do curso, explicitar as características textuais das HQs enquanto hipergênero e, no segundo momento, explorar as análises linguísticas (principalmente fonéticas/fonológicas e ortográficas) feitas a partir deste material. Embora, atualmente, os quadrinhos sejam queridos no meio acadêmico e escolar, sabe-se que, durante muito tempo, foram desconsiderados como objetos de estudos em universidades e escolas. Segundo Vergueiro (2005, p. 17), na década de 1970, muitos estudiosos simplesmente não consideravam dignos de atenção os pesquisadores interessados quadrinhos e, “com isso, colocaram um ponto final no assunto, afirmando que as histórias em quadrinhos definitivamente não pertenciam ao meio acadêmico”. Além disso, segundo Ramos (2012, p. 13), levar histórias em quadrinhos para a sala de aula era algo, até pouco tempo atrás, inaceitável. Mesmo diante do atual interesse que os quadrinhos despertam e de sua inclusão no Parâmetro Curricular Nacional (PCN), notamos, que muitos professores de ensino básico sentem dificuldade em explorar esse material em sala de aula por desconhecimento de suas principais características. Portanto, a importância desse curso reside em debater as definições de quadrinhos, explorar sua linguagem verbal e não verbal e as questões linguísticas que podem ser analisadas a partir deste material. Acreditamos que o curso pode ser o primeiro passo para desenvolver o interesse pelo ensino e pesquisa a partir das HQs, hipergênero que se mostra cada vez mais presente nas leituras de crianças, jovens e adultos, além de ser cada vez mais usado em livros didáticos de língua portuguesa.